

A CHAVE DO PENSAMENTO PROFÉTICO VIEIRIANO

Ana Lúcia M. de Oliveira
(UERJ/CNPq)

PELOSO, Silvano. *La Clavis Prophetarum di Antonio Vieira. Storia, documentazione e ricostruzione del testo sulla base del ms. 706 della Biblioteca Casanatense di Roma*. Viterbo: Sette Città, 2009.

Foi com grande satisfação que os especialistas e demais interessados na obra de Antonio Vieira receberam a publicação, em dezembro de 2009, pela editora italiana Sette Città, do livro de Silvano Peloso, *La Clavis Prophetarum di Antonio Vieira*, que nos apresenta a atribuída história desse livro inacabado, além da documentação e da reconstituição do texto a partir do exame de diversas cópias manuscritas espalhadas em arquivos e bibliotecas de diferentes países. Mais de 300 anos após a morte do jesuíta português, pela primeira vez o público leitor pode ter acesso - na língua original em que foi redigida: o latim - a essa obra magistral, que o próprio autor considerava a súpula de seu pensamento religioso, político e filosófico.

Para evidenciar a importância do trabalho realizado por Peloso, cabe fazer uma breve apresentação da *Clavis Prophetarum*, que constitui uma extraordinária síntese das tendências proféticas e escatológicas que agitaram profundamente o século XVII, época em que se assistiu não apenas a uma separação, mas também a uma tentativa sucessiva de conciliação, sem precedentes, entre religião, filosofia e ciências. Importa ainda mencionar que o jesuíta considerava essa obra o seu projeto mais importante, denominando-a (em carta a Sebastião de Matos e Sousa, datada de 27 de junho de 1696) de “palácios altíssimos”, em contraponto com as “choupanas” ou “discursos vulgares”, maneira pela qual se referia a seus sermões, que foram responsáveis pelo reconhecimento de seu autor como representante máximo da oratória sacra seiscentista ou como

“Imperador da língua portuguesa”, na muito citada formulação de Fernando Pessoa.

Consoante sua própria afirmação, Vieira trabalhou por mais de cinquenta anos na *Chave dos Profetas*, que buscava criar um código geral de interpretação das escrituras proféticas do Velho e do Novo Testamento, cujo significado último se relaciona a um Reino de Cristo consumado na terra (*De Regno Christi in terris consummato*) antes do Juízo final, caracterizado pela paz universal entre os povos e por uma abundante graça divina que salvará a todos, e no qual, mesmo com as diferenças de cultura e de costumes, todos poderão crer num único Deus.

No prólogo ao primeiro tomo dos *Sermões*, de 1679, o jesuíta nos informa que a obra constava de quatro livros, o primeiro dos quais, dedicado ao Reino de Cristo, estava praticamente pronto; ao segundo, que tratava das disposições prévias relativas à consumação do Reino de Cristo, e ao terceiro, reservado à sua consumação, faltavam ao todo 18 questões; o quarto, relativo às suas prerrogativas e maravilhas, estava quase completo, mas algumas questões requeriam um exame mais demorado. Portanto, era esta a situação do material deixado por Vieira na ocasião de sua morte, que serviu de base para Silvano Peloso julgar o valor de cada um dos diversos documentos existentes, em sua cuidadosa reconstrução do texto.

Retornemos ao trabalho que é o foco desta resenha. Como se trata de um livro que, infelizmente, ainda não está traduzido em português, torna-se relevante apresentar aos leitores brasileiros uma visão geral de sua estruturação para destacar a grande importância dessa publicação para todos os que estudamos a obra vieiriana.

Começo com uma breve apresentação do autor: Silvano Peloso, lusitanista e brasilianista, é titular da Cátedra “Padre Antônio Vieira” na Universidade de Roma “La Sapienza”. Entre suas publicações mais importantes destacam-se: *Medioevo nel sertão* (1984); *Amazzonia mito e letteratura del mondo perduto* (1988); *La voce e il tempo* (1992); *O canto e a memória* (1996), *Al di là delle Colonne d’Ercole* (2004); *Antonio Vieira e l’Impero Universale* (2005, trad. bras. 2007). Organizou também a edição italiana de *Buriti*, de Guimarães Rosa (1985), e das *Páginas Esotéricas*, de Fernando Pessoa (1997).

Apresentando um total de 545 páginas, o livro ora em foco é constituído pelas seguintes partes: uma bibliografia prévia, que lista as

bibliotecas e arquivos consultados para a realização da edição, além das obras de Vieira e de contribuições críticas; um esclarecedor prefácio, intitulado “Antonio Vieira em seu século e na história do futuro”, que nos mostra como o jesuíta se engajou nas grandes questões de sua época, marcada por teses escatológicas e grandes eventos científicos; uma cronologia da vida e da obra de Antonio Vieira; um importante capítulo que leva o título de “A *Clavis Prophetarum* – história de um grande projeto”, no qual são abordados, com minúcias, os diferentes períodos de elaboração da obra; o texto integral da *Clavis Prophetarum*, reconstituído a partir do manuscrito 706 da Biblioteca Casanatense de Roma, que, segundo Peloso, seria o mais próximo do que teria sido a intenção do próprio Vieira, de acordo as referências feitas a essa obra na vasta correspondência do jesuíta. Por fim, temos os seguintes apêndices: 1) “Materiais relativos ao quarto livro da obra”, que incluem um quadro sinótico com os índices do original, do compêndio anônimo *Crisis Paradoxa* (1748) e do manuscrito 440 (série vermelha) da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa; e a transcrição dos fragmentos do quarto livro, com o título de *Enumerantur felicitates regni Christi in terris consummati*; 2) “O enigma da *História do Futuro*”: uma nota prévia em que Peloso, apresentando brevemente os argumentos discutidos em seu livro *Antonio Vieira e o império universal. A Clavis Prophetarum e os documentos inquisitoriais* (De Letras, 2005), defende a tese de que a *História do Futuro* só existiu como parte da *Chave dos Profetas* e como estratégia criada pelo próprio Vieira para iludir a censura inquisitorial; em seguida, o texto integral dos capítulos IX e X da edição de 1718 do *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, os mais famosos, que se referem à profecia de Daniel e têm um grande número de referências na *Clavis*.

Devido à sua relevância para a compreensão da atribulada fortuna da obra profética vieiriana, cabe apresentar sumariamente a esclarecedora reconstituição dos diversos capítulos que constituem a acidentada história dessa obra, elaborada por Peloso a partir de uma leitura minuciosa de cartas e outros documentos. O primeiro deles comporta os anos de 1646 e 1648, segundo declaração do próprio Vieira durante o processo inquisitorial, e coincide com os anos de sua grande missão diplomática europeia na França, na Holanda e na Itália, em que ele frequentou grandes bibliotecas além de realizar encontros com grandes personagens da cena política e religiosa europeia. Seguem-se os anos de interrupção

do trabalho (1652-61), nos quais o jesuíta permaneceu no Brasil para se dedicar às missões do Maranhão e da Amazônia. O terceiro momento (1663-67) refere-se ao processo inquisitorial e à defesa de Vieira frente ao Tribunal da Inquisição. O quarto período (1669-1675) diz respeito à fama internacional da obra e ao grande sucesso de Vieira nos círculos laicos e religiosos da Roma da Rainha Cristina da Suécia e de Clemente X; neste período, graças ao incentivo do Geral dos jesuítas, Giovanni Paolo Oliva, nasce o projeto de edição e revisão dos sermões, conhecidos em várias partes da Europa através de edições apócrifas e mal traduzidas. O retorno à pátria é o ponto central do quinto período (1675-81), marcado pelo sentimento de amargura em relação à corte portuguesa, que motivou sua decisão de retornar ao Brasil. No último período de sua vida (1681-1697), Vieira consegue finalizar o plano dos *Sermões*, que compreendia doze tomos; ao mesmo tempo, continua seu trabalho com a *Clavis Prophetarum*, no qual foi apoiado por alguns jesuítas italianos que então viviam no Brasil. O sétimo período se inicia após a morte de Vieira, quando todas as suas cartas e manuscritos foram colocados, por ordem do Padre Geral, em uma arca fechada com duas chaves diferentes, uma das quais permaneceria em poder do reitor do Colégio da Bahia e a outra com o padre provincial; em 1699, uma cópia manuscrita da *Clavis* é enviada a Roma. O oitavo período se refere ao percurso atribulado da obra na Europa, do qual se destacam os seguintes episódios: a censura por parte do Santo Ofício romano, que pode ser percebida nas marcas materiais encontradas no ms. 706 da Biblioteca Casanatense de Roma; o confisco da referida arca, em Lisboa, pela Inquisição portuguesa, que a impediu de seguir para Roma, seu destino final.

Outro acontecimento digno de realce é a elaboração, pelo jesuíta milanês Carlo Antonio Casnedi, encarregado pelo Cardeal de examinar os originais da *Clavis*, de uma *Sententia* que oferece uma descrição precisa e minuciosa do estado de conservação dos manuscritos originais de Vieira, de seus conteúdos, das partes que faltavam, acrescentando ainda uma defesa dos passos censurados em Roma. Não se limitou apenas a um exame escrupuloso do original, buscando defendê-lo das acusações mais graves, mas tentou ainda reorganizar um texto final e definitivo da obra com base em um confronto do próprio original com a cópia enviada da Bahia em 1699¹. Na reconstrução da obra vieiriana apresentada nessa primeira edição completa elaborada por Silvano

Peloso, cada parte ou capítulo é precedida da sinopse de Casnedi, para que com isso seja possível melhor avaliar e ressaltar a correspondência com o texto autógrafo da arca.

As observações anteriores devem ter evidenciado a grande contribuição, para o crescimento dos estudos vieirianos, deste trabalho de Silvano Peloso, que disponibiliza pela primeira vez para o público leitor, a partir de um criterioso trabalho filológico de reconstituição do texto, uma versão da *Clavis Prophetarum* mais próxima do projeto original de seu autor.

NOTAS

¹ Dessa tentativa de restauração e de finalização textual dos votos deixados por Vieira em sua morte, deriva o ramo de manuscritos chamados de “Vulgata” por Margarida Vieira Mendes, representados, dentre outros, pelos manuscritos 354 e 359 do Arquivo da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Importa ainda mencionar que Arnaldo do Espírito Santo preparou uma edição bilingue, com tradução portuguesa, do Livro III da “Vulgata”, servindo-se de 14 códices.

Data de recebimento: 29 de março de 2011

Data de aprovação: 25 de abril de 2011